

A palavra de ordem é emagreça! O autocontrole e a autorregulação dos corpos dos sujeitos na revista *AnaMaria*

The watchword is to get slim! Self-control and self-regulation of subjects' bodies in the AnaMaria magazine

Suélem do Sacramento Costa de Moraes
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Pelotas,
Rio Grande do Sul, Brasil

Bárbara Hees Garré
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Pelotas,
Rio Grande do Sul, Brasil

Resumo: O presente artigo é um desdobramento de uma Dissertação de Mestrado já defendida e de um trabalho de doutoramento em andamento, vinculados ao PPGEdU do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense. O estudo visa problematizar discursos acerca de questões relacionadas aos corpos, tensionando alguns ditos hegemônicos que reverberam pelos mais diversos ambientes de circulação social e que corroboram na fabricação de um padrão, que parece ser o modelo vigente na atualidade, onde os corpos “devem” ser magros, saudáveis, felizes, como prerrogativa de longevidade. Destacam-se, nessa investigação, questões relacionadas aos corpos dos sujeitos, compreendendo que são fabricados culturalmente e conduzidos através dos discursos que por eles perpassam. Compreende-se a mídia como uma pedagogia cultural, que fabrica sujeitos e subjetividades. Toma-se como *corpus* empírico algumas reportagens da seção “Dieta” da revista *AnaMaria*, uma mídia impressa de circulação semanal. O trabalho coloca sob suspeita algumas discursividades sobre questões relacionadas aos modos como são fabricados os corpos na contemporaneidade, compreendendo que há um processo de subjetivação operacionalizado pela mídia, através de uma interpelação sutil, porém convidativa, que atinge de modo potente diferentes sujeitos. O referencial teórico e metodológico toma alguns conceitos do filósofo Michel Foucault como ferramentas de análise.

Palavras-chave: Educação; Discurso; Corpo; Mídia

Abstract: This article is an offshoot of a completed master's thesis and a doctoral dissertation in progress at the PPGEdU of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Sul. The study aims to problematize discourses on issues related to bodies analyzing some hegemonic quotes that reverberate throughout various environments of social circulation and endorse the fabrication of a beauty standard, which seems to be the aesthetic model currently standing, in which bodies “must” be slim, healthy, and happy as a means to longevity. Questions related to subjects' bodies stand out from this investigation, understanding that such a body is culturally fabricated and conducted through the discourses that pervade it. The media is understood as a cultural pedagogy, which fabricates subjects



and subjectivities. The empirical corpus of this research was composed of articles from the Dieting section of *AnaMaria*, a magazine published in print on a weekly basis. This work challenged some discursivities on issues related to the ways in which bodies are manufactured in contemporaneity, as it is understood that there is a process of subjectification operated by the media via a subtle, yet inviting, interpellation, which reaches various subjects in a powerful manner. The theoretical and methodological framework for this research was composed of concepts by the philosopher Michel Foucault, which were taken as analytical tools.

Keywords: Education; Discourse; Body; Media

1 Apresentação

O artigo aqui apresentado é um desdobramento de uma dissertação de mestrado, concluída em 2018 e de uma tese que está em fase de elaboração, ambas pesquisas são vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sul rio-grandense - Mestrado e Doutorado em Educação e Tecnologia.

Vivemos em um tempo onde parece existir uma espécie de epidemia da vontade de nos sentirmos participantes de uma ordem discursiva, que versa sobre uma economia do corpo, que nos incita, pelos mais diversos artefatos midiáticos, a obtermos corpos condizentes com os modelos vigentes, sob pena de destoarmos de uma normalização fabricada. Somos subjetivados a perseguirmos uma política do corpo, o que parece ser uma espécie de “dever moral”, que versa sobre a obtenção/manutenção de um corpo magro, longo, saudável e concordante com os padrões constituídos discursivamente, nessa episteme. O objetivo deste estudo é apresentar uma discussão teórico-conceitual, colocando em funcionamento algumas análises destacadas do material empírico, que posteriormente será demarcado, juntamente com conceitos do filósofo francês Michel Foucault, de modo a tensionar, provocar fissuras e problematizar verdades fabricadas, acerca dos discursos sobre o corpo, na contemporaneidade. Esta pesquisa está situada no campo dos estudos culturais em educação e toma como referencial teórico-metodológico alguns conceitos do filósofo francês Michel Foucault.

Para tanto, organizamos o texto em seções. Primeiramente apresentando algumas motivações para a realização desta pesquisa. Em seguida, realizamos a exposição do material empírico, anunciamos também o objetivo e o problema da investigação, bem

como algumas pistas metodológicas. Na sequência destacamos alguns extratos do *corpus* empírico, colocados em funcionamento a partir de uma analítica discursiva, tomando alguns conceitos de Michel Foucault como ferramentas metodológicas. Essa seção tem como finalidade mostrar a potência da investigação, ao problematizarmos discursividades acerca de questões relacionadas ao corpo, que estão postas na mídia contemporânea e que parecem provocar efeitos subjetivantes nas condutas dos sujeitos, no que tange especialmente a uma política do corpo. Por fim, elaboramos algumas considerações finais, demarcando os principais achados da pesquisa, bem como reflexões sobre a temática pesquisada.

2 Anúncios iniciais

Somos constituídos nas tramas discursivas de uma política do corpo, nos nossos corpos ficam explícitas as marcas do espaço-tempo que habitamos. O modo como nos comportamos, nos vestimos, os grupos dos quais fazemos parte, como nos alimentamos, os locais que frequentamos, as atividades que praticamos, entre outras tantas possibilidades de serem destacadas, dizem muito ao nosso respeito. Tratam-se de características que podem ser observadas no nível do visível, acerca dos modos de vida que adotamos. Compreendendo visibilidade numa perspectiva da “análise enunciativa proposta por Foucault, que significa tratar os espaços de circulação de certos discursos” (FISCHER, 2012, p. 136). Nossos corpos são constituídos discursivamente, são constructos sociais e culturais:

Pensamos em todo caso que o corpo tem apenas as leis da sua fisiologia, e que ele escapa à história. Novo erro; ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destroçado por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria resistências. (FOUCAULT, 2006c, p. 27)

Nessa perspectiva, ao longo dos séculos podemos observar que os corpos dos sujeitos assumem diferentes formatos e incontáveis características. Existem padronizações corporais, correspondentes aos contextos históricos, sociais e culturais aos quais os sujeitos pertencem. Assumimos alguns desses padrões e vamos os considerando

“certos”¹ e “normais”, tendemos a reproduzir e reafirmar algumas produções discursivas acerca de tais modelos, com isso damos fôlego e retroalimentamos a construção de uma ordem discursiva que ganha força de verdade e que rege os diferentes espaços por onde circulamos.

3 Pistas Metodológicas

Neste estudo temos como objetivo principal problematizar uma produção discursiva acerca de discursos relacionados ao corpo, que aparecem recorrentemente na mídia contemporânea e que também são reverberados e reafirmados por muitos de nós, nos mais diversos ambientes por onde circulamos. O problema que norteia essa investigação é: *de que modo a mídia contemporânea opera na constituição dos corpos dos sujeitos?* Para tanto, tomamos como material empírico algumas reportagens da seção “Dieta” da revista *AnaMaria*, que é uma mídia impressa, de circulação semanal, com público-alvo feminino e que é organizada como uma espécie de manual de condução das condutas das leitoras, pois ensina modos de ser e de viver, sobre diversas abordagens, dentre elas, a seção “Dieta”. As reportagens dessa seção semanalmente discorrem sobre possibilidades de emagrecimento “saudável” dos corpos femininos e organizam-se em forma de prescrições. Importante destacar que reconhecemos que as discursividades tomadas como *corpus* empírico principal só têm visibilidade e força porque fazem parte de uma ordem discursiva vigente, que é constituída, reafirmada e reverberada dos mais diversos modos, neste contexto ao qual pertencemos.

Compreendemos, nessa pesquisa, a mídia como uma pedagogia cultural, que ensina, educa e fabrica os sujeitos. “[...] o conceito de pedagogias culturais tem sido uma ferramenta importante para que pesquisadores articulem cultura, educação e comunicação em estudos que visam problematizar a fabricação de sujeitos do tempo presente” (COSTA e ANDRADE, 2015, p.7). Assim, na perspectiva também dos estudos realizados por

¹ Alguns termos serão apresentados entre aspas, pois reconhecemos que categorizações que remetem aos binarismos fazem parte da ordem discursiva do senso comum. Entendemos que na perspectiva de estudos em que essa escrita está situada, tais termos não passam de construções discursivas. Não estamos aqui considerando que em outras vertentes teórico-metodológicas seria “certo” ou “errado” compreendê-los daquela forma, mas sim demarcando que somos constituídos por tais invenções e que aqui procuramos rachar com as hegemonias, refutando quaisquer juízos de valor.

Gomes (2003): o que está na mídia se torna realidade, pois não há como negar sua força e produtividade no nosso cotidiano e a forma intensa como faz parte de nossas vidas. Desse modo justificamos a escolha por utilizarmos a mídia como material empírico neste estudo.

A operacionalização das análises, que serão apresentadas na próxima seção, está situada na perspectiva foucaultiana, com o aporte de algumas de suas ferramentas conceituais. Importante ressaltar, porém, que olhar para o mundo dessa forma, consiste em trabalhar com os estudos do filósofo para além de um método fechado, já que ele sugere que utilizemos seus conceitos, conforme as possibilidades para nossas pesquisas, como se eles pertencessem a uma “caixa de ferramentas”:

Todos meus livros, seja História da Loucura seja outro podem ser pequenas caixas de ferramentas. Se as pessoas querem mesmo abri-las, servirem-se de tal frase, tal ideia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, para produzir um curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas de que meus livros resultaram... pois bem, tanto melhor! (FOUCAULT, 2006d, p. 52).

Nesse contexto, situamos essas articulações na perspectiva de uma analítica discursiva, utilizando alguns conceitos foucaultianos como ferramentas, de modo a colocá-los em funcionamento numa ordem discursiva que versa sobre questões relacionadas com o corpo. Desse modo, parafraseando o filósofo: a colocação do corpo em discurso, ou o fato discursivo global, Foucault (2017), implica compreendermos “sob que formas, através de que canais, fluindo através de que discursos, o poder consegue chegar às mais tênues e individuais das condutas” (FOUCAULT, 2017, p. 17). Quem fala sobre o corpo, de que modo esses corpos são anunciados, o que pode ser dito, o que é interditado, de que lugares se fala sobre o corpo?

Na próxima seção passaremos a tratar da analítica discursiva anunciada, de modo a perseguirmos o problema dessa investigação, reconhecendo que não encontraremos respostas definitivas sobre nossa questão, mas pistas. Interessa-nos aqui movimentar o pensamento e problematizar nossa constituição enquanto sujeitos deste tempo, no que tange especialmente às questões relacionadas aos modos como construímos e deixamos ser construídos os nossos corpos.

4 As palavras de ordem e seus efeitos subjetivantes acionados na construção dos nossos corpos

Nesta seção vamos discorrer acerca da operacionalização das análises do material empírico, articulando algumas discursividades que foram extraídas das reportagens da seção “Dieta” da revista semanal *AnaMaria*, que compõem nosso *corpus*, com alguns conceitos do filósofo francês Michel Foucault. Nosso objetivo de pesquisa é problematizar os discursos sobre questões relacionadas ao corpo, colocando sob suspeita alguns ditos hegemônicos que aparecem nos mais diversificados artefatos midiáticos contemporâneos.

Para tanto, é importante destacar a compreensão acerca das palavras de ordem: as mídias são grandes produtoras de verdades e significações, pois nossas práticas são constantemente incitadas por informações que destacamos desses espaços. Como já anunciado nas seções anteriores, tomamos nessa pesquisa mídia como pedagogias culturais, que ensinam e produzem subjetividades, desse modo, aprendemos “[...] por redundância, pelo fato de nos dizerem o que é ‘necessário’ pensar [...] A linguagem não é informativa [...], não é comunicação de informação, mas [...] transmissão de *palavras de ordem* [...] (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 16-17, *apud* GOMES, 2003, p. 65) [grifos nossos].

Ao longo desta investigação temos nos deparado com inúmeras enunciações que versam sobre uma espécie de “dever” que temos conosco mesmos, acerca da necessidade de adquirirmos ou de mantermos corpos magros, saudáveis, belos, inteligentes, longevos... Recorrências discursivas perfazem ditos emblemáticos que circulam na mídia, ratificando informações balizadas por vários campos de saber, que tomam força de verdade neste tempo em que vivemos e que poucos de nós ousaríamos questionar suas “veracidades”. Desse modo, dietas são prescritas nas revistas, práticas ensinadas nas mídias sociais, estudos apresentados em programas de televisão, entre outros tantos exemplos possíveis, e assim somos convidados a participar desta ordem discursiva, que nos dita regras de o que fazer para emagrecer e tornar nossos corpos condizentes com algumas padronizações!

Ainda que atualmente observemos alguns deslocamentos sobre questões de padrões corporais, que existam ditos que versam sobre uma espécie de “aceitação”, que

convidam a vivermos “felizes como somos”. Ainda que presenciemos alguns movimentos de resistência que oportunizam certos lugares de visibilidade para os sujeitos ditos “à margem” da norma vigente. Ou, ainda, que em função de uma organização social balizada por uma sociedade de consumo em que todos “precisamos” consumir, nos deparemos com a visibilidade de alguns manequins “tamanho maior”, ou *plus size*, por exemplo. Ainda assim parece que neste contexto histórico e social em que vivemos, mesmo com a emergência de tais deslocamentos, decorrentes de inúmeras condições de possibilidade, o que vemos disseminado na mídia, é a reafirmação da “necessidade” do emagrecimento.

Assim, as palavras de ordem, são centrais para o entendimento das análises que apresentamos. Medidas prescritivas podem ser encontradas nas reportagens da revista *AnaMaria*, mas também em outros tantos artefatos midiáticos contemporâneos. “Precisamos” estar convencidos da “necessidade” de atendermos aos convites que recebemos acerca de questões relacionadas aos nossos cuidados com os corpos. Somos incitados a sermos disciplinados e a respondermos aos apelos midiáticos que nos chegam, “precisamos” que nossos corpos sejam subjetivados e subjetivantes, corroborando, portanto não só para a manutenção como também da reafirmação dessa ordem discursiva.

Uma palavra de ordem potente neste material é: emagreça! Mas será que precisamos emagrecer? Ao longo da elaboração desta pesquisa estivemos constantemente à espreita, seja observando os sujeitos com os quais convivemos, seja consumindo conteúdos midiáticos, modos de ser e de viver, seja numa simples caminhada no parque, ou seja, nas nossas práticas mais corriqueiras, estivemos ocupando uma posição de sujeito pesquisadoras. Nesse emaranhado de encontros e acontecimentos observamos que parece existir uma recorrência discursiva acerca da vontade de emagrecermos. Temos contato recorrentemente com uma ampla rede de ditos que nos incitam a consumir modos de ser magros, saudáveis, felizes, longevos.

Desse modo, ao tensionarmos uma produção discursiva acerca da urgência do emagrecimento dos corpos, estamos problematizando, em posição questionadora a respeito das enunciações extraídas das reportagens, ou seja, colocando as discursividades sob suspeita. Por isso, é importante demarcarmos a compreensão do termo problematização:

Problematização não quer dizer representação de um objeto preexistente, nem tampouco a criação pelo discurso de um objeto que não existe. É o conjunto

das práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento. (FOUCAULT, 2004, p. 242)

Não partimos nessa pesquisa de um objeto inexistente, estamos sim olhando para uma rede que tem funcionado como verdadeira e que se constitui como motivadora para alguns tensionamentos que consideramos importantes para pensarmos de que modo somos subjetivados pelos discursos que por nós perpassam. Discurso, conforme Foucault (2014), é tudo aquilo que é visível e enunciável e que é tomado pelos sujeitos como verdadeiro. Além disso, “[...] o discurso [...] é assumido a partir de uma ordem, a partir de um sistema de produção do discurso, a partir de princípios de controle, de seleção e exclusão que atuam sobre suas (re) produções de significados sobre práticas específicas.” (DÍAZ, 1998, p. 15). Assim, os discursos relacionados ao corpo não funcionam isoladamente, para que sejam assumidos como verídicos pelos sujeitos, eles se apoiam em outros discursos. Um deles potente neste material empírico é o da ciência.

Apresentamos um bloco de enunciações extraído de uma das reportagens, demarcando algumas articulações do discurso científico ao de emagrecimento. A voz da ciência aparece ratificando a urgência do corpo magro, e entrelaçam-se ainda apelos relacionados ao controle da mente dos sujeitos.

Enquanto o peso da balança aumenta, o seu QI (coeficiente de inteligência) diminui. É amiga, a realidade é dura, [...] é isso mesmo o que o excesso de gordura faz no cérebro. (ANAMARIA, setembro de 2017, p. 18, Edição 1091) [grifos nossos]

A dieta que te deixa mais inteligente! Emagrecer é bom para o corpo, nós sabemos. Mas para a mente também! Pesquisas revelam que o excesso de gordura prejudica a memória e o raciocínio. (ANAMARIA, setembro de 2017, p. 18 Edição 1091) [grifos nossos]

Inteligência pura. A capacidade de memorização afetada pela gordura em excesso não é uma seqüela permanente – **perder peso reverte o efeito**, ainda bem! (ANAMARIA, setembro de 2017, p. 19, Edição 1091) [grifos nossos]

Aqui não estamos julgando o mérito das reportagens, nem a veracidade de termos como saúde, doença, magreza, gordura, inteligência e etc., pois reconhecemos que se tratam de nomenclaturas que fazem parte de um rol de significações inventadas e produzidas discursivamente. O que estamos fazendo é analisar de que modo os ditos que aparecem na revista, não importando por quem tenham sido proferidos, nos subjetivam e provocam efeitos. Nas enunciações destacadas podemos observar a existência de um apelo para a consciência dos indivíduos, as discursividades articulam alimentação,

inteligência, bem estar físico, disposição, esperteza, e funcionam como estratégias sutis, porém convidativas, de convencimento para que adotemos em nossas condutas algumas práticas de promoção de saúde.

Outra recorrência discursiva no material é a relação do emagrecimento com a longevidade.

Aos 40 anos controle tudo. [...] Aos 50 anos controle tudo. A menopausa provoca [...] **gordura localizada.** (ANAMARIA, setembro de 2017, p. 23, Edição 1092) [grifos nossos]

Doses reforçadas de frutas, verduras e legumes também **equilibram os ponteiros da balança, rejuvenescem a pele** [...]. (ANAMARIA, setembro de 2017, p. 22, Edição 1093) [grifos nossos]

Coma alimentos ricos em proteínas magras, frutas, verduras, legumes, [...] para combater [...] os **sinais de envelhecimento, [...] para não estocar pneuzinhos [...] para driblar o envelhecimento precoce.** (ANAMARIA, setembro de 2017, p. 22, Edição 1092) [grifos nossos]

Por que o açúcar faz tão mal? [...] ele **faz a gente engordar** e também prejudica muito a nossa saúde. [...] **envelhecimento precoce.** (ANAMARIA, dezembro de 2017, p. 16, Edição 1103) [grifos nossos]

Em “O nascimento da medicina social” Foucault (2006a) apresenta uma discussão instigante em relação à medicina moderna, demarcando alguns fenômenos políticos e sociais que aconteceram em diversos países nos séculos XVIII e XIX, e que foram fundamentais para que hoje possamos compreender a medicina como uma estratégia biopolítica. As estratégias biopolíticas são aquelas, a partir das quais, torna-se possível o exercício do biopoder. “Um poder que funciona atacando problemas inerentes à uma população, medicalizando, precavendo e antevendo fatores que, futuramente, poderão diminuir a força produtiva dos sujeitos. (VEIGA-NETO, 2006, p. 2).

Nos extratos podemos observar que existem convites para que a população promova ações preventivas que visem a obtenção de saúde. No texto de Camargo (2012) intitulado “O governo dos excessos” a autora é provocativa, quando menciona que somos incitados por uma razão governamental, na perspectiva foucaultiana do termo, para que sejamos “empresários de si”, melhorando nossa saúde individual e coletivamente e, assim, corroborando para o funcionamento da sociedade neoliberal em que vivemos. Nessa perspectiva, as reportagens articulam discursos que incitam a vivermos saudavelmente, abordando a temática da importância do emagrecimento e isso ocorre recorrentemente legitimado pelo saber científico. Tais ditos nos convidam para que nos mantenhamos em “plena” atividade na terceira idade, que cuidemos da saúde e nos

alimentemos “bem”. Tais práticas podem ser consideradas estratégias biopolíticas, de ordem biológica, da prevenção de doenças, da diminuição dos riscos aos danos à nossa saúde, do prolongamento das nossas vidas, bem como da manutenção e reafirmação da ordem neoliberal.

Assim, profissionais são convocados a fazerem uma interlocução junto às leitoras da revista, ratificando as informações, já que eles “têm” as vozes autorizadas a ensinar sobre o emagrecimento. Nessa perspectiva, o saber estatístico aparece reafirmando dados científicos, como estratégia de convencimento sobre a veracidade do discurso ali apresentado.

[...] diminuíram em **93%** o risco de desenvolver diabetes, **81%** o perigo de sofrer um ataque cardíaco, **50%** [...] **36%** [...]. **E emagreceram 2,5 kg a mais!** (*ANAMARIA*, novembro de 2017, p. 22, Edição 1100) [grifos nossos]

Mas por que é tão difícil **permanecer magra?** [...] estudo com mil pessoas [...]. Das **mil, 925** que **emagreceram voltaram a engordar**, e as outras **75 não conseguiram perder peso**. (*ANAMARIA*, outubro de 2017, p. 22, Edição 1095) [grifos nossos]

Você definitivamente magra. Um estudo [...] **85%** das mulheres com dificuldade para emagrecer têm [...] alguma sensibilidade genética [...]. E você? (*ANAMARIA*, setembro de 2017, p. 14, Edição 1096) [grifos nossos]

Segundo o Ministério da Saúde, **um em cada cinco brasileiros está acima do peso**. (*ANAMARIA*, agosto de 2017, p. 16, Edição 1087) [grifos nossos]

[...] uma pessoa obesa só precisa perder **10%** do peso para **melhorar a qualidade de vida**. (*ANAMARIA*, outubro de 2017, p. 21, Edição 1097) [grifos nossos]

Ao manter o corpo no peso ideal, é possível aumentar em **20%** o desempenho da memória [...]. (*ANAMARIA*, setembro de 2017, p. 18, Edição 1091) [grifos nossos]

Compreendemos, nessa correnteza, conforme Traversini e Bello (2009) que as estatísticas fabricam a realidade em que vivemos e corroboram para o funcionamento do biopoder, que atua no sentido da promoção de um estado de vida da população. Assim, o discurso científico também está em funcionamento nos extratos, articulando ditos legitimados pela voz autorizada a proferir tais discursividades, ratificados pela estatística e pelos discursos científicos de promoção de saúde.

Desse modo, importante ainda ressaltar que compreendemos a ciência como o grande regime de verdade desta episteme e que não há neutralidade, pois ela também é uma construção desse tempo histórico e social. Além disso, a verdade para Foucault é “sempre, apenas, o produto de um jogo de forças, resultado de um agenciamento – complexo, singular, móvel – de poderes em luta e não alguma realidade incorruptível ou

eterna” (DELEUZE, 2006, p. 38). Quando nos subjetivamos e perseguimos o objetivo da obtenção e/ou manutenção de corpos magros, longevos, saudáveis, felizes, são as relações de poder que estão funcionando fabricando verdades, que entram no regime de verificação verdadeiro deste tempo e espaço em que vivemos. Nessa correnteza importante demarcar que “O poder [...] é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 2017, p.101).

Nas enunciações destacadas, vemos ainda um discurso fortemente situado na ciência, proferida pelas vozes autorizadas a falar sobre certas questões, já que nessa ordem do discurso “sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar tudo em qualquer circunstância, que qualquer um enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2014, p. 9). Com a força e a produtividade de tais discursos, que são apresentados nas reportagens como “dever”, nos colocamos a pensar o quanto existem imbricadas algumas tecnologias de poder que nos subjetivam para que tenhamos controle sobre nós mesmos. Com autogovernamento e autodisciplinamento das nossas condutas, nas práticas mais ínfimas de nosso cotidiano, vamos vivenciando algumas rotinas visando o alcance de corpos condizentes com os padrões vigentes e com aquilo a que somos incitados a fazer, pelas palavras de ordem que chegam até nós e que acatamos.

Nos extratos abaixo observamos a voz da ciência sendo acionada, mas dessa vez com o objetivo de ratificar questões relacionadas com a consciência das leitoras.

[...] **escapar de vez do efeito sanfona (aquele engorda e emagrece sem fim).**
[...] **algo pode estar desregulado na sua cabeça.** [...] **Esse descontrole** pode [...] (ANAMARIA, setembro de 2017, p. 18, Edição 1090) [grifos nossos]
Veja como a culpa sabota a sua dieta. (ANAMARIA, novembro de 2017, Edição 1107) [grifos nossos]
[...] lá se foi quase a barra inteira [...]. E **logo vem a culpa** [...]. (ANAMARIA, novembro de 2017, p. 20, Edição 1102) [grifos nossos]
Programa a mente para **perder até 15 kg.** [...] acaba com a **compulsão alimentar.** (ANAMARIA, setembro de 2017, Edição 1090) [grifos nossos]

Observamos nos trechos modos de subjetivação sendo acionados no sentido da autorregulação e do autocontrole dos sujeitos, pois autodisciplinados respondemos à “urgência” do emagrecimento. Desse modo, o discurso científico aparece legitimando o discurso de emagrecimento, e ambos se utilizam de estratégias discursivas que os reforçam, os reafirmam e funcionam a partir de tecnologias disciplinares de autogoverno

e autodisciplinamento que exercemos sobre nós mesmos, bem como de tecnologias regulamentadoras que nos incitam a vivermos mais e melhor, enquanto população.

Nessa perspectiva, em poder-corpo, Foucault (2006c) trata de estratégias de poder voltadas ao corpo, um poder “que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle- estimulação: ‘Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!’” (FOUCAULT, 2006c, p. 147) [grifo do autor]. Assim, observamos algumas falas de sujeitos que emagreceram após tratamentos clínicos e que comemoram seus “antes e depois”, tratamos esses extratos como exemplos de controle-estimulação.

[...] emagreceu 15 kg. [...] A ideia de emagrecer veio principalmente por causa da saúde, mas Guta não nega estar feliz com sua nova forma física. “**É maravilhoso entrar em uma calça 36 outra vez**”. (ANAMARIA, agosto de 2017, p. 14, Edição 1086) [grifos nossos]

[...] eliminou [...] 37 quilos e passou do manequim 46 para o 38. “Já atingi a meta colocada pela médica, [...] **comemora ela, satisfeita com a conquista**”. (Fonte: <https://revistaquem.globo.com/QUEMNews/noticia/2016/04/simoneg utierrez-sobre-perder-papel-em-filme-apos-eliminar-37kg-chorei-e-dei-risada.html> Acesso em 26 de outubro de 2018) [grifos nossos]

[...] “**Não existem palavras que possam descrever o sentimento de estar salvando a própria vida. Não sou mais uma prisioneira do meu corpo**”. (Fonte: <https://veja.abril.com.br/blog/virou-viral/casal-emagrece-180-quilos-e-antes-e-depois-viraliza-no-Instagram/> Acesso em 26 de outubro de 2018) [grifos nossos]

As enunciações foram proferidas por sujeitos que alcançaram um “almejado” corpo magro, nelas podemos analisar a recorrência discursiva de que corpos magros são relacionados a corpos saudáveis, demarcando que os discursos do emagrecimento e da saúde estão muito próximos e funcionam em uma engrenagem que parece não se dissociar. Nas falas ainda podemos analisar que os sujeitos se consideram vitoriosos porque emagreceram, por estarem vestindo um manequim menor, por terem eliminado quilogramas. O emagrecimento nesse contexto parece ser um fato a ser celebrado, como uma “grande conquista”, mas que para tanto requer autodisciplina, autocontrole, motivação, estabelecimento de metas, ou seja, constante autorregulação de condutas. Em uma das falas, a atriz enuncia que por emagrecer estaria “salvando a própria vida”, são ditos emblemáticos que colocam nosso pensamento em funcionamento e nos fazem tensionar tais questões.

Importante ressaltar na finalização desta seção analítica, que apareceram em todas as reportagens do material empírico pesquisado, ditos emblemáticos que culminam para uma produção de corpos magros, portanto, não foram destacadas dispersões discursivas.

As estratégias adotadas pela revista são convidativas, utilizando imagens que articulam o visível ao enunciável, bem como, enunciações que empregam palavras de ordem, no modo imperativo. Tais estratégias convergem para a produção de uma vontade de magreza. Além disso, as análises aqui apresentadas demarcam que existem discursos que funcionam, não somente na revista *AnaMaria*, mas também na mídia contemporânea em geral e que reafirmam uma produção discursiva acerca do emagrecimento dos corpos. Nessa perspectiva, podem ser ressaltadas as subjetividades dos sujeitos preocupados com padrões estéticos e também daqueles que almejam saúde e longevidade, tais subjetividades provocam efeitos, como por exemplo de autocontrole, autorregulação e disciplinamento. Por fim, o propósito deste trabalho é provocar a inquietação dos leitores, para que pensem sobre possibilidades de escape, de microrresistências tangíveis, ainda que reconheçam a abrangência significativa da rede discursiva em questão.

Assim, nesta seção, mapeamos o discurso de emagrecimento sobre o qual temos tratado desde as primeiras linhas destas pesquisas, seu funcionamento na mídia contemporânea, bem como mostramos algumas articulações com outros discursos. Desse modo, parece que nós, sujeitos deste contexto histórico e social já estamos convencidos que de um modo ou de outro vivemos imersos numa rede discursiva que nos incita para que sejamos magros. Seja por conta da saúde, da ordem da prevenção, seja para nos aproximarmos daquilo que parece ser o padrão estético vigente, enfim, somos incitados pelas mais diversas estratégias discursivas de que “devemos” ser magros e parece que acatamos!

5 Considerações finais

Nesta trajetória de pesquisa compreendemos que existem múltiplas discursividades que versam sobre a “máxima do corpo magro e saudável” que provocam efeitos subjetivantes nos sujeitos envolvidos. Finalizamos a investigação apresentando o que parece ter sido um dos grandes achados desta pesquisa: Existe na contemporaneidade um discurso de emagrecimento que funciona pela e na mídia, de um modo sutil, porém eficaz, nos incitando e nos subjetivando para que sejamos magros, longevos, saudáveis. E esse discurso funciona apoiado em outros discursos, que dão solo para seu funcionamento, os mais potentes e recorrentes são o da ciência e o da saúde.

Temos compreendido que problematizar as hegemonias acerca dos discursos sobre os corpos é um movimento conectado com o rompimento aos convites oferecidos pelas “palavras de ordem” e que tensionar verdades hegemônicas, perfaz um foco de resistência que parece ser tangível, no rol de micropossibilidades existentes. Encerramos essa etapa sem uma resposta definitiva para o problema de pesquisa proposto, porém compreendendo que a mídia contribui para a fabricação de sujeitos e subjetividades, persuadindo, convencendo e colocando em funcionamento relações de poder, que nos incitam a vivermos de um modo e não de outro.

Por fim, demarcamos que foi Michel Foucault nosso grande interlocutor e intercessor, este filósofo edificante, como o adjetivou Veiga-Neto (2014), foi quem deixou esta lição em seus tão potentes livros-bomba: a de que problematizar não é responder, mas sim tensionar e tentar compreender, reproblematicando perpetuamente. Então, encerramos esta investigação com o desejo de que esse estudo possa incitar para que tenhamos “coragem” de permanecermos questionando o mundo em que vivemos, afinal, pensar como Foucault nos convida é um exercício constante de rompermos com o absolutismo das certezas

Contribuição

Suélem do Sacramento Costa de Moraes: Conceptualização; Escrita – rascunho original; Escrita – análise e edição; **Bárbara Hees Garré:** Supervisão; Escrita – análise e edição.

Referências

CAMARGO, Tatiana de Souza. **O governo dos excessos:** Uma análise das práticas de prevenção e controle do excesso de peso realizadas por profissionais da Atenção Básica à Saúde, em Porto Alegre/RS. 2012. 176f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

COSTA, Marisa Vorraber e ANDRADE, Paula Deporte, de. **Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas.** 2015. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2015v33n2p843>

DELEUZE, Gilles. Um pensador, mil faces. *In:* POL-DROIT, Roger. **Michel Foucault:** Entrevistas. São Paulo: Graal, 2006.

DÍAZ, Mário. Foucault, docentes e discursos pedagógicos. *In*: SILVA, Tomas Tadeu (org). **Liberdades Reguladas**: A pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. 2ª Edição. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 1998. p. 14-29.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault**: A arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2012.

FOUCAULT, Michel. **O Cuidado com a Verdade**. *In*: FOUCAULT, Michel. Ditos e escritos V – Ética, Sexualidade e Política. 2a. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 240-251.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 22. ed. Rio de Janeiro. Editora Graal, 2006a. p. 79-98.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 22. ed. Rio de Janeiro. Editora Graal, 2006b. p. 15-37.

FOUCAULT, Michel. Poder-corpo. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 22. ed. Rio de Janeiro. Editora Graal, 2006c. p. 145-152.

FOUCAULT, Michel. Dos suplícios às celas. *In*: POL-DROIT, Roger. **Michel Foucault**: Entrevistas. São Paulo: Graal, 2006d.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/Michel Foucault; tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo. Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**: A vontade de saber. 5. ed. Rio de Janeiro. Editora Graal, 2017.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no Jornalismo**: Discorrer, Disciplinar, Controlar. São Paulo: Hacker Editores. Edusp, SP. 2003.

REVISTA **AnaMaria**. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1078, 09 de junho de 2017.

REVISTA **AnaMaria**. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1084, 21 de julho de 2017.

REVISTA **AnaMaria**. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1086, 04 de agosto de 2017.

REVISTA **AnaMaria**. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1087, 11 de agosto de 2017.

REVISTA **AnaMaria**. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1090, 01 de setembro de 2017.

REVISTA **AnaMaria**. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1091, 08 de setembro de 2017.

REVISTA **AnaMaria**. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1092, 15 de setembro de 2017.

REVISTA **AnaMaria**. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1093, 22 de setembro de 2017.

REVISTA **AnaMaria**. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1095, 06 de outubro de 2017.

REVISTA **AnaMaria**. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1096, 13 de outubro de 2017.

REVISTA **AnaMaria**. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1097, 20 de outubro de 2017.

REVISTA **AnaMaria**. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1100, 10 de novembro de 2017.

REVISTA **AnaMaria**. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1102, 24 de novembro de 2017.

REVISTA **AnaMaria**. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1103, 01 de dezembro de 2017.

REVISTA **AnaMaria**. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1106, 22 de dezembro de 2017.

REVISTA **AnaMaria**. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1107, 09 de dezembro de 2017.

TRAVERSINI, Clarice e BELLO, Samuel Edmundo López. O numerável, o mensurável e o auditável: estatística como tecnologia para governar. **Revista Educação e Realidade: Governamentalidade e Educação**, v. 34, n. 2, 2009, p.135-152.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Biopolítica, Estado Moderno e inclusão na escola**. Cadernos IHU em formação. São Leopoldo: UNISINOS, ano 2, n.7, 2006, p. 98-101.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. 3. ed.; 1 reimpressão. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2014.

Recebido em: 12 de abril de 2022

Aceito em: 20 de julho de 2022

Publicado em agosto de 2022

Suélem do Sacramento Costa de Moraes
E-mail: suelemcosta@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3606-8643>

Bárbara Hees Garré
E-mail: barbaragarre@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6229-1603>